

12
To

BOLETIM N.º 268

PSICOLOGIA N.º 9

SÃO PAULO

BRASIL

1963

MARIA MARGARIDA ANDRADE

ESTUDOS DE PSICOLOGIA DIFERENCIAL II

História de vida de três débeis mentais

Tôda correspondência deverá ser dirigida ao Departamento respectivo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo — Caixa Postal 8 105, S. Paulo, Brasil.

All correspondence should be addressed to the Department concerned Caixa Postal 8 105 S. Paulo, Brasil.



Impresso na Secção Gráfica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1963

**BOLETIM N.º 268
PSICOLOGIA N.º 9
SÃO PAULO
BRASIL
1963**



MARIA MARGARIDA ANDRADE

ESTUDOS DE PSICOLOGIA DIFERENCIAL II

História de vida de três débeis mentais

**COMPOSTO E IMPRESSO NA SECÇÃO GRÁFICA DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

1963

APRESENTAÇÃO

Esta história de vida de três débeis mentais, por Maria Margarida de Andrade, que a Cadeira de Psicologia apresenta em prosseguimento de sua série de Estudos de Psicologia Diferencial é, provàvelmente, o primeiro trabalho de seu gênero publicado no Brasil.

O estudo com técnicas psicológicas adequadas e o acompanhamento, durante meses, da vida familiar e escolar dêsses três casos — que são representativos, em vários aspectos, como sejam o das causas da deficiência, o do nível econômico-social, da influência do estado emocional sôbre o raciocínio, da aceitação do excepcional por sua família ou membros desta — resulta no retrato psicológico, de corpo inteiro e em relevo, de três débeis mentais cujo quociente intelectual era por ocasião do exame psicológico praticamente o mesmo (Q. I. em tôrno de 40), mas cuja personalidade e cujo prognóstico diferiam caracteristicamente em função das variações das condições interrelacionadas do organismo e do ambiente de cada um.

Acreditamos que os estudiosos de psicologia e o público culto em geral, que da debilidade mental tenham um conhecimento livresco centrado numa noção abstrata de “quociente de inteligência”, terão interêsse em travar conhecimento com Marcus, Rosa e José — três personalidades, três vidas, que de comum têm, de início, o mesmo baixo nível de funcionamento intelectual — através da análise segura e compreensiva de Maria Margarida de Andrade.

Annita de Castilho e Marcondes Cabral.

Janeiro, 1963.

INTRODUÇÃO

Em nossos estudos sobre debilidade mental, sentimos a necessidade para a melhor compreensão do problema, de realizar um estudo longitudinal, abrangendo a interação personalidade-meio.

Esta necessidade surgiu de duas diferentes maneiras: 1.º) Nos estudos bibliográficos, da própria definição de debilidade mental segundo Tredgold (1), a mais difundida, a qual inclui aspectos psicológicos e sociológicos da debilidade mental. Para Tredgold, debilidade mental é uma parada do desenvolvimento ou um desenvolvimento incompleto da mente, traduzidos especialmente na incapacidade de “manter a existência”, isto é, “escapar aos inimigos, assegurar seu sustento, proteger seu corpo contra os rigores do tempo e fazer provisões contra as contingências” (1, pág. 3). O desenvolvimento incompleto ou parada da mente, não é avaliado independentemente da situação ambiental e sim em relação a ela, sendo o seu estudo e a interação entre ambos, de absoluta importância; 2.º) Dos trabalhos práticos realizados — aplicação de testes, pesquisas quanto à utilidade e o valor de diferentes técnicas de diagnóstico, entrevistas, aplicação de técnicas pedagógicas e de readaptação social — os quais nos deixaram a impressão de que a compreensão do “eu” total e real de um débil mental só seria possível em um estudo que abrangesse todos os aspectos de sua personalidade e da sua situação de vida e o histórico da mesma, isto é, o desenvolvimento desde a concepção até o momento atual, onde teríamos a possibilidade de encontrar causas, diretrizes, coações, etc., enfim explicações para o fenômeno presente.

A técnica de pesquisa denominada estudo de caso ou história de vida pareceu-nos, portanto, a ideal para suprir a neces-

sidade apontada. Sendo a própria reconstituição da vida nos seus aspectos relevantes e significativos, ela fornece uma visão longitudinal, mostrando a dialética constante e ininterrupta entre indivíduo e meio, a influência mútua, as limitações e condições impostas um a outro, ou seja, a interação global e realística da adaptação do débil mental, nas suas limitações internas e externas e a interdependência destes dois lados da mesma vida.

Segundo Allport (2, pág. 390) a história de vida ou estudo de caso é “um método sintético completo, o único com suficiente espaço para abranger todos os fatos reunidos pelo pesquisador. Ele provê uma moldura, na qual o psicólogo pode colocar tôdas as observações recolhidas por outros métodos; usado sem perícia, torna-se uma cronologia sem sentido ou uma confusão de fatos e ficção, de adivinhação e desentendimentos. Usado com propriedade é o mais revelador de todos os métodos”. Também para Dollard (3) êste método pode nos dar o resultado conjunto das diferentes ciências que estudam o homem, mostrando-nos a integração das mesmas na vida humana.

Entretanto, várias dificuldades surgiram dada a escolha desta técnica de estudo. Dada a evidente dificuldade de serem utilizados muitos sujeitos em um trabalho desta natureza, defrontâmo-nos com os problemas de como escolher os sujeitos e quantos deveriam ser estudados.

Buscando auxílio em fontes bibliográficas autorizadas, encontramos em Thomas e Znaniecky (4) o seguinte tratamento a êste problema: como não podemos estudar tôdas as histórias de vida “limitar-nos-emos como o cientista natural o faz, a alguns casos representativos, cujo verdadeiro estudo fornecerá resultados tão aplicáveis quanto possível a todos os outros casos em questão” (4, pág. 8, vol III)... “Sem dúvida”, continuam os autores, “o curso da evolução é único para cada pessoa e para isso temos de estudar não fatos, atitudes, etc., isoladamente, mas combinações completas, séries de fatos, os quais apresentam semelhança de indivíduo para indivíduo, ainda que não chegando até a identidade, a qual é sempre apenas aproximada e não universal, ou seja, apenas comum a um certo

número de indivíduos dentro de determinadas condições” (4, pág. 12, vol. III).

Por outro lado, entretanto, ainda citando os mesmos autores, “as imposições sociais fazem com que as fases de evolução se assemelhem (educação familiar, escolar, tipo de trabalho, casamento, horários de comer e dormir, descansar e trabalhar etc.). As mesmas linhas de gênese se repetem em muitos membros de um grupo” (4, pág. 16, vol. III). Uma personalidade “é sempre um elemento constitutivo de algum grupo social; os valores com os quais ela tem de tratar eram e serão comuns a muitas personalidades, alguns comuns a toda a humanidade e as atitudes que ela exhibe também são compartilhadas por muitos outros indivíduos. E mesmo se os valores como vistos por um dado indivíduo e as atitudes assumidas por ele apresentem peculiaridades que as distingam até certo ponto dos valores e atitudes assumidos por todos os outros indivíduos, nós poderemos ignorar essas peculiaridades com o objetivo da generalização científica assim como o cientista natural ignora as peculiaridades que fazem uma coisa física ou um acontecimento terem um sentido único. Analisando as experiências e atitudes de um indivíduo, nós sempre alcançamos dados e fatos elementares, os quais não são exclusivamente limitados a personalidade deste indivíduo e sim podem ser tratados como meras instâncias de classes mais ou menos gerais de dados ou fatos” (4, pág. 6, vol. III).

Aceitando o critério destes autores quanto à possibilidade de generalização desde que os casos estudados sejam representativos de seu grupo concentrámo-nos em encontrá-los. Após aplicação de testes, entrevistas e verificação dos diagnósticos psicológicos, pedagógicos e médicos em grande número de débeis mentais, selecionamos três casos, os quais pareceram-nos representativos de três grupos gerais de debilidade mental: 1.º) Um mongolóide, tipo específico de debilidade mental, com características físicas e psicológicas; 2.º) Uma débil mental de aparência física normal, sadia e bonita e exames médicos normais, apresentando severo índice de debilidade mental e 3.º) Um menino de aparência física e exames médicos normais, apresentando grande turbulência e agressivi-

dade, mas um bom nível de raciocínio quando sob técnicas pedagógicas especializadas. Em outras palavras, na primeira impressão selecionamos um caso de debilidade mental com causa conhecida (mongolismo) um caso com causa desconhecida e um caso de provável debilidade funcional, isto é, não impossibilidade de raciocínio, mas inteligência dificultada por interferência de problemas emocionais.

O nosso procedimento inicial de seleção de três entre muitos casos foi semelhante ao utilizado por Florestan Fernandes e R. Gattás (5) em cujo trabalho encontramos a seguinte afirmação: “a experiência pessoal de um dos autores deste artigo demonstrou que a entrevista com um grande número de sujeitos que correspondam a um conjunto previamente estabelecido de requisitos comuns é muito frutífera como meio de seleção de personalidade para a elaboração de história de vida” (5, pág. 125).

Encontramos novos problemas na unificação do tratamento aos três casos, dadas as diferentes características psicológicas e diferentes situações de vida, apesar da quase igualdade quanto ao nível mental. Cada estudo de caso requereu da nossa parte diferentes abordagens, técnicas de pesquisa, etc., atitude essa que foi se desenvolvendo com o correr dos estudos segundo as peculiaridades de cada caso. Também as informações disponíveis variaram de caso para caso.

Na sua “Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida” (6), Roger Bastide explica e justifica a particularidade de cada caso, afirmando a impossibilidade de se seguir regras gerais rígidas. A técnica do estudo de caso segundo o autor, deveria se amoldar ao caso estudado, não havendo uma mas várias histórias de vida, condicionadas ao estudo em questão; a pluralidade de casos teria de ser acompanhada pela flexibilidade das técnicas de estudo.

Sem dúvida, o importante é apreender o indivíduo, para o que acreditamos dever utilizar todos os recursos disponíveis ao psicólogo e aplicáveis à situação real.

Marcus, Rosa e José foram os pseudônimos escolhidos para os três casos em estudo.

MARCUS

Marcus foi o primeiro a ser abordado. Iniciamos uma série de entrevistas, algumas na escola, outras na sua residência. Iniciamos, paralelamente, entrevistas com os pais e professora. O nível sócio-econômico familiar é superior à média e o casal apresenta grande harmonia e estabilidade emocional. Ambos possuem educação secundária. Por ocasião do parto, a mãe tinha 42 anos e o pai 38.

Marcus, atualmente com 17 anos, teve diagnosticada a sua debilidade mental praticamente desde o nascimento, quando foi notado o mongolismo. A sua gestação foi normal até o 7.º mês, quando a parturiente teve uma hemorragia, seguindo-se outra no 8.º mês e mais outra no 9.º mês, quando foi feita uma cesariana. Êle foi o primeiro e único filho do casal. Desde os primeiros dias apresentou falta de coordenação muscular, sendo o desenvolvimento sempre mais vagaroso que o normal: sentou aos 9 meses, andou depois de 2 anos e falou depois dos 3 anos. Era excessivamente gordo. Fora amidalite aos 4 anos e 5 meses, não teve moléstias na infância. Durante todos êstes anos foi acompanhado por um médico endocrinologista, o qual ministrou um tratamento baseado no diagnóstico de insuficiência da tiróide, segundo informação da mãe.

Entrando com 6 anos e 9 meses no jardim de infância logo foi notada a sua deficiência intelectual. Marcus apresentava-se apático, de reações muito lentas, de atenção dispersiva, indolente, irrequieto e de compreensão geral rudimentar, segundo a psicologista que o examinou a pedido da professora, a qual informou que Marcus não acompanhava a classe. Por esta época, segundo a mãe, êle não se vestia, nem tomava banho sozinho, sabia usar talheres, mas alimentava-se mal. Disse ela que Marcus gostava muito do jardim de infância, mas que (explicando o insucesso) era muito mimado e indisciplinado, brincando em casa sempre sozinho e portanto não habituado à convivência com outros meninos. Informação da professora: quando a mãe ia buscá-lo no fim das aulas, Marcus não queria sair da escola, chorando muito, o que não acontecia quando ia o pai, o qual acompanhava de bom grado.

Uma vez constatada a sua imaturidade mental e incapacidade de acompanhar as classes regulares, Marcus passou a freqüentar as classes especiais para débeis mentais, nas quais permanece até hoje. Nos três últimos anos passou a ter também uma professora particular.

Atualmente, segundo a professora (a professora da classe especial dá também as aulas particulares) continua apático para todo o aprendizado. E' distraído, indolente e manhoso, só fazendo as lições sob ameaças de "chamar o pai" para o qual faz tudo. Lê relativamente bem e não tem muita dificuldade em formar sentenças, mas demora muito nos ditados, precisando estabelecer conexão com as sílabas da palavra padrão conhecida. Em aritmética faz soma sem transposição, mas apenas somando nos dedos, faz subtrações e sabe mais ou menos a tabuada.

E' muito vaidoso e teatral, preocupando-se com a aparência pessoal e falando sempre de si mesmo. Diz "pobre de mim" por qualquer coisa que tenha de fazer. Muito emotivo, fantasia as situações reais, dando a elas um sentido de absurda sentimentalidade. Auto-defesa muito desenvolvida, apresentando-se covarde quando a situação oferece algum perigo e valente e agressivo com crianças bem menores e mais fracas do que êle.

Tem incutidas várias noções éticas e religiosas, adquiridas em família e nos anos já numerosos de escolaridade. Faz muitas coisas "erradas" sabendo que o são, tentando dissimulá-las quando descoberto. Desde alguns anos, apresenta em classe, problemas de masturbação. Uma vez, chamada a sua atenção, segurou uma pasta cobrindo o rosto e continuou a masturbar-se com uma régua, o que aparecia sob a pasta. Muito interessado agora nos problemas de sexo, pergunta sobre o assunto aos colegas e ao motorista da família e porta-se com malícia junto às meninas.

Muito guloso, quando era semi-interno (foi durante alguns anos) comia demasiadamente na hora do almoço, chorando quando não lhe davam mais comida depois. Atualmente não leva lanche como os colegas o fazem e chora porque tem fome.

Das psicologistas que trabalham junto às classes especiais, obtivemos três resultados de aplicações do teste de Binet-Simon e resumos de entrevistas: 1.º) I. C. — 10 anos e 9 meses e Q. I. — 50. Entrevista: nível intelectual rudimentar, estatura baixa, tipo constitucional mongolóide. Informação do pai (consta da entrevista): muito mimado, indolente, não tem noção de perigo. 2.º) I. C. — 11 anos e 4 meses e Q. I. — 55. Entrevista: reações muito lentas, apático, indolente, brinca sozinho distraidamente em classe e durante o teste e a entrevista. 3.º) I. C. — 16 anos e 5 meses e Q. I. — 43. Entrevista: desenvolvimento físico normal para a idade, mas raciocínio lento e difícil. Apresenta boa realização nas provas escolares (devido ao número de anos que frequenta as classes especiais) é atencioso e colaborador, mas já não faz progressos no aprendizado escolar. Em casa, segundo os pais, é calmo, paciente e cordato, brincando sempre sozinho no seu quarto.

Nas entrevistas com a mãe, muito acessível e educada, obtivemos reações contraditórias, de polida aceitação do filho e velada rejeição. Primeiramente, contou-nos pormenores reais, tais como os da gestação e primeira infância, cuidados médicos, etc. Mas quando perguntada diretamente sobre os problemas psíquicos do filho, ora nega, considerando Marcus um menino normal, alegre e calmo, dado a cantar e tocar instrumentos e a fazer representações teatrais imitando programas de televisão (o que, segundo ela, Marcus faz com perfeição) ora admite a dificuldade intelectual, criticando a sua infantilidade, contando que ele não pode sair sem acompanhante por se perder nas ruas, não sabendo fazer compras, nem dar recados, embora já se vista e se banhe sozinho. Irrita-se com a dificuldade no aprendizado, tendendo a culpar, em parte, as professoras, pois algumas coisas ele aprende muito bem (ex. tocar sanfona). Lamenta-se do trabalho que lhe dá o filho, dada a necessidade de constantes atenções e supervisão da sua parte, por ele fazer muito poucas coisas sozinho. Considera-se uma abnegada, tendo-se dedicado na vida exclusivamente à educação do filho.

O pai demonstrou não ter ilusões quanto ao filho, aceitando-o carinhosamente. Preocupa-se com angústia com o fu-

turo de Marcus, após a sua morte e de sua espôsa, abordando-nos, nas entrevistas, com insistência, quanto às suas possibilidades reais de trabalho. Considera o filho superprotegido e mimado, percebendo no mesmo indolência e manha, mas não vê outra solução, dadas as suas limitações. Admite dificuldade em orientá-lo, pois algumas vezes sente que Marcus poderia fazer mais do que faz, mas se exige muito (o que aconteceu várias vezes) Marcus se atrapalha seriamente, criando-lhe problemas de consciência e sensação de culpabilidade. Exemplificando, conta que uma vez mandou Marcus comprar um jornal (a uma quadra de sua residência) e êste se perdeu, tendo êle encontrado o filho apenas uma hora depois, chorando muito. Marcus explicou que se distraíra vendo vitrinas (moram no centro da cidade, em apartamento) e que depois não soubera voltar.

Marcus aceitou com grande alegria as nossas entrevistas, especialmente as realizadas em sua casa, onde se sente sòzinho. Mostrou-se muito sociável, fazendo questão de mostrar-nos todos os brinquedos, trazendo-nos comida e conversando muito. Compreendi que havíamos passado a ser para êle, uma companhia preciosa nas suas horas de solidão: o período da manhã, pois à tarde estava no colégio, do qual gosta muito e à noite o pai, o melhor companheiro, estava em casa. A mãe o trata com excessiva autoridade, repreendendo-o todo o tempo. Na frente do filho, a atitude contraditória desaparece, predominando a evidente irritação que o filho lhe causa por “fazer tudo errado” segundo suas próprias palavras. O pai, por outro lado, trata-o como se fôsse uma criança pequena, com demasiada indulgência.

Em nosso primeiro contacto, Marcus pareceu-nos um rapaz forte e sadio, de estatura normal para a idade. Apenas na cabeça e nas mãos puderam ser notados os sinais de mongolismo, sendo a sua estatura bastante elevada em relação a êsse tipo de anomalia. A debilidade mental, entretanto, é aparente à primeira vista, reagindo êle com excepcional infantilidade em atitudes ou palavras.

Marcus conversa sem nexos, falando de vários assuntos intercaladamente, sem ligações reais e lógicas necessárias. Exemplificando, registramos este diálogo:

Nós — Você gosta de brincar?

Marcus — Gosto de boxe, de “far-west”, capitão estrêla. Gosto de fazer cerâmica, fiz um abatjour. Um dia vou ser carpinteiro, marceneiro. Gosto muito de Da. Ester (nota: diretora do colégio). Vou ser engenheiro de fazer casa, faço desenho de casa bonita, quer ver? Faço quadro, boneca, louça, calça, paletó, camisa, meia, vou ser alfaiate.

Nós — E na escola o que você faz?

Marcus — Brinco, pulo, danço “rock and roll”, mambo, marcha, rumba, bolero, chorinho. Eu toco sanfona a tarde inteira (nota: disse vários nomes de músicas que havia tocado). Tenho uma sanfona de 80 baixos (nota: a mãe informa que é mentira: ele quer muito uma sanfona de 80 baixos mas tem uma menor). Gosto de desenho, vou ser pintor.

Nós — Você tem irmãos?

Marcus — Tenho dois (nota: não tem, resposta imaginativa).

Nós — Você gosta de sua mãe?

Marcus — Gosto.

Nós — Do seu pai?

Marcus — Gosto.

Nós — Dos avós?

Marcus — Gosto.

De diálogos como estes, percebemos a dificuldade de uma resposta direta, pois Marcus respondia ou imaginativamente ou estereotipadamente. Em outras palavras, respondia como queria que fôsse ou como sabia que devia ser (por lhe terem ensinado). Marcus queria aparentar coisas e mostrar que sabe coisas. Tentando contornar esta dificuldade, ocorreu-nos utilizar técnicas projetivas de pesquisa, as quais serviriam, se possível, como meio de obtenção de respostas menos camufladas. Não seguimos, nas aplicações das provas, técnicas rigorosas, dada a peculiaridade da situação mental de Marcus, nem tentamos, conseqüentemente, analisar em profundidade os resultados. Apenas as utilizamos como instrumentos para co-

nhecê-lo melhor, caso nos resultados viéssemos a encontrar dados seguros e confiáveis nesse sentido.

Segue o registro da aplicação da prova projetiva C. A. T. (7).

1.º) Nós — Vamos brincar de contar histórias. Você está vendo esta figura? Conte uma história do que você está vendo aí.

Marcus — Estão sentados. Pai (nota: no meio), mãe (à esquerda), filho (à direita). Esse quem é? E' uma galinha, se chama canja, a canja está de pé. Esse está com a colher olhando a galinha, esse olhando a travessona! E o filho está assim com a colher (imita o gesto) olhando o papo da galinha.

Nós — O que eles estão fazendo?

Marcus — Estão comendo? Acho que não. Aqui dentro estão siris, uma porção.

Nós — O que estão fazendo?

Marcus — O que estão fazendo? Os três sentados. Estão pensando que vão comer. Estão com vontade de comer mesmo. Só eu que não posso comer macarrão, estou de regime, só posso comer bife, salada, arroz. De manhã tomo ovos e leite. Não como mais pão, o médico me proibiu. Vou ficar que nem touro, vou ser pugilista, tenho a cara de Paulinho de Jesus.

Nós — O que vão fazer depois?

Marcus — O que vão fazer depois? A mãe está olhando o filho, não, o pai está olhando a mãe, não, a mãe olha o filho e o pai também. A mãe olha para mim e o meu pai olha para mim.

Nós — O que estavam fazendo antes?

Marcus — Antes? Aqui é uma cozinha, faz de conta mas não é de verdade. Você quer ver a história do Marcelino? (nota: abre a gaveta e tira figuras, as quais insiste em nos mostrar. Sentimos que a primeira figura já não o interessava e após alguma insistência, passamos para a segunda figura).

2.º) Marcus — O que é isso (antecipou-se à nossa pergunta)? Não é um cavalo? Não, é urso. São três. O que estão fazendo? Estão puxando a rêde de pesca, um quer fazer força com a corda. Esse é a mãe (urso sozinho) esse o pai, esse o filho (urso e ursinho). O filho está puxando a corda, o pai

fazendo “quim, quim” (imita os sons). A mãe também está puxando. Cada um de um lado por quê? Porque tem força nos braços. Aqui parece rabo de tatu (corda solta).

Fizemos mais algumas perguntas, mas já não responde, distraíndo-se com a gaveta.

3.º) Marcus — Ai! Não posso nem ver a cara dela! Não posso nem ver animais feiosos! (Esconde a cara com o ante braço).

Nós — (Insistimos em perguntar o que êle está fazendo. Marcus responde após um período de relutância).

Marcus — Está sentado na poltrona com a bengala do lado. Posso falar o nome dêle? E’ a leoa, mãe do elefante.

Nós — O que está fazendo, por que está sentado?

Marcus — Está assim (imita a atitude). E isso aqui? E’ ratinho? O ratinho olhando o pai. Olha o rabinho dêle! E êle fuma cachimbo. Eu gosto de ursinho, mas êste não porque tem mania de cheirar, eu não gosto, não sou cachorro! Êste bicho é o rei das selvas. E’ o leão africano. E’ bonitinho, parece comigo. E’ tão bonito! Eu quero uma coruja! tem coruja? Eu tenho medo.

4.º) Marcus — (sempre interessando-se pelas novas figuras e antecipando-se às nossas perguntas). O que é isso? Tem chapéu na cabeça, tem lancheira, aqui, o filhotinho, que bonitinho; aqui, na bicicleta, o chapéu na cabeça, a cestinha, assim, na patinha. Estão fazendo pic-nic.

Nós — Êle gosta de pic-nic?

Marcus — Gosta porque está passeando atrás. E êsse? Eu, não, o filhote, sei que não é êsse na bicicleta.

5.º) Marcus — Aqui é a cama, as duas, o tapete, ali abat-jour. Olhe, o que estão fazendo? Êles estão deitados tapadinhos para não sentir frio. A caminha do bebê. Parece mesmo caminha de bebê.

Nós — Quem está na cama?

Marcus — A mãe, o pai, os dois, que gozado!

Nós — Por que é gozado?

Marcus — Porque um está sentindo um calorzinho.

Nós — E na caminha, quem está?

Marcus — Não enxergo bem. O bebê está dormindo do lado errado (imita). Devia acostumar do outro lado. Aqueles dois estão brincando embaixo da coberta de pega-pega. Eu também brinco. Êsses dois que estão dormindo são errados porque deviam deitar dêste lado.

6.º) Marcus — E' cavalo? parece um cavallinho. Representa que é uma toca. Você já viu toca de cachorro? Êste aqui está deitado, é o filhinho. A mãe e o pai lá atrás, o pai perto da mãezinha. Êste (o filho) está catando moscas. Isto tudo chama-se toca, é tudo feito de tronco.

Nós — O que estavam fazendo antes?

Marcus — O que estavam fazendo antes? Êste está mexendo a orelha, olhando o pai dormir. A mãe está acordada porque viu uma baratinha. O pai e o filho estão roncando que nem uma serra.

7.º) Marcus — Êste pode estar certa que é que nem leão, como chama? Tigre. Ah! E' tigre sim, porque tigre é feio. Olha o rabinho dela, olha que unha e aqui os dentinhos assim (mostra os seus caninos).

Nós — O que está fazendo?

Marcus — O que está fazendo? Está pulando para pegar o macacão. Olha aqui florzinhas!

Nós — Por que quer pegar o macaco?

Marcus — Êle está com raiva porque o macaco viu êle aqui em cima, a onça pintada e ela avançou e por isso mata. Teve que matar? Não. Avançou só para meter medo. Olha as patinhas do macaco arrepiadas de medo! Como é gozada essa história!

Nós — Por que avançou no macaco?

Marcus — Porque em vez de fazer certo queria pegar as fôlhas e a onça avançou. Estava aqui em cima e avançou, só feriu...

Não — E depois?

Marcus — Êle saiu mancando.

8.º) — Marcus — Hum! O que é isso? Está tudo sentado lá! Olha a filha lá em cima espiando os três macaquinhos. Aqui

uma porção de coisas floridas, a mesinha, a cadeira, olha o filhinho aqui! São pequeninhos! E o pai está assim (mostra a atitude). Quem são êstes dois? Estão cochichando por causa do café. Aquele está com raiva dêle (direita para esquerda).

Nós — Por que está com raiva?

Marcus — Po rcausa do café que caiu no chão. Quem são êstes dois? São dois sobrinhos (Marcus tem dois primos) êste é o pai e êste o filho.

Nós — E a mãe?

Marcus — A mãe não veio. Olha a mãe lá!

9.º) Marcus — Êste aqui é que é gozado! A mãe coelha, por que está aí? Está sentada na caminha dela. A cortina, a janela, o criado-mudo, a porta, aqui é o chão. E' bonita.

Nós — O que está fazendo?

Marcus — Era uma vez um coelhinho. Aqui tem uma portinha, porque não é grande. O que é isso aqui? Ah! E' uma janelinha. O coelhinho está sentadinho folgadinho. Aqui tem uma coberta. E' um cachorrinho. E' o seguinte: o coelho é a mãe e o cachorro é o filhinho, que está deitado dormindo.

Nós — O filhinho gosta da mãe dêle?

Marcus — Aqui, deixa eu ver (olha muito tempo). O cachorro quer deitar e deita em baixo da cama. Havia tempos atrás dois coelhinhos (a mãe de Marcus entra no quarto e êle diz: — Vai prá lá, não falo mais! Depois pergunta para a mãe que não se retira ignorando o pedido: O que você vê aí? A mãe não responde e vai embora).

Nós — O que estão fazendo?

Marcus — Estão sentados (não olha mais a figura).

10.º) Marcus — Aqui é o pai, o pai sou eu. E' a leoazinha, a mãe do leão. Que bicho é êsse? Não conheço. E' cachorrinho, pronto. Aqui está assim (faz sinal indicando redondo) aqui é de sentar. Não, é o banheirinho. A cachorrinha é bonitinha, o cachorro beija a cachorrinha na carinha dela.

Nós — Com quem se parece?

Marcus — Com o pai, êste aqui.

Nós — O que está acontecendo?

Marcus — O que está acontecendo? Estão sentados no banquinho, o cachorro está conversando com o cachorrinho, que gozado!

Nós — O que estão conversando?

Marcus — De vampiro da noite.

Nós — O que estão fazendo?

Marcus — Aqui tem uma toalha, é como na televisão, os cachorrinhos sentam no piniquinho. Ah! Estão se lavando aqui na privada. Está com o olho fechado e a boca aberta, catando mosca. Agora eu quero o rei das selvas (demos novamente a figura). Olha que bonitinho (beija a figura) parece cachorrinho! Olha a bengala do paizão. Se ele viesse aqui eu agradava ele.

Como imagináramos, as respostas ao teste foram mais espontâneas do que as respostas dadas nas entrevistas. Marcus projetou o trio familiar, pai, mãe e filho, reconhecendo-os constantemente nas figuras. Suas reações simples e infantis deixaram a descoberto em algumas respostas, a preferência pelo pai e o ressentimento às atitudes coercivas da mãe. E' sugestiva a resposta dada à 3a. figura, na qual aparecem um leão e um ratinho, onde no início quando o "bicho era feio", era uma leoa e depois que Marcus vê o ratinho e o identifica como o filho olhando o pai, o leão é reconhecido como sendo o leão, rei das selvas, muito bonito, parecendo-se com ele, Marcus. Em outras figuras referiu-se também claramente a si mesmo, falando por exemplo de seu regime na resposta à 1a. figura, o qual foi imposto pelo médico dada a sua tendência à obesidade e identificando-se com o pai na 10a. figura, onde este beija a mãe (uma interpretação analítica provavelmente diria de problemas relativos ao complexo de Édipo).

De maneira geral suas respostas foram infantis, praticamente apenas descritivas, a não ser quando relatando fatos ou referindo-se em projeção à sua vida real. Este nível descritivo segundo Binet e Simon nas instruções de avaliação às suas provas de figuras representativas de cenas é típico de crianças de 7 anos. Marcus mostrou grande dispersão, interessando-se muito pelas figuras quando estas eram mostradas, mas mudando de

interêsse logo após, passando a interessar-se por outros objetos, assunto, ou simplesmente distraíndo-se. As respostas foram obtidas com muita insistência, em três diferentes entrevistas.

Na prova de projeção da figura humana de Machover (8) obtivemos as seguintes respostas:

Nós — Desenhe uma pessoa.

Marcus — Vou fazer um hominho (mas desenha uma menina).

Nós — Desenhe agora um menino.

Marcus — (Desenhou outra figura semelhante também a uma menina).

Nós — Como eles se chamam?

Marcus — Chama Maria e o menino Cláudio. A menina tem 3 anos e o menino 2 anos.

Nós — Ela tem irmãos?

Marcus — Tem um, não, dois; são mais velhos (retoca a “saia” da figura do menino).

Nós — De quem ela gosta mais, pai ou mãe?

Marcus — Gosta muito, muito do pai, só do pai.

Nós — O que ela gosta de fazer?

Marcus — Vive passeando, trabalhando, fica na cozinha, toma banho de chuveiro como a minha mãe.

Nós — O que ela mais gosta de fazer?

Marcus — De passear. Às vezes uma festa, depois no cinema, às vezes, assistir boxe. O nome dela é R. S. A.

(diz o nome de uma conhecida artista de televisão) aquela minha namorada. Conheci pela televisão. Quando acaba o programa dela vamos ao cinema, compro sorvete, bala, namoro com ela, dou uns beijinhos você sabe, dou uns beijos e pronto.

Nós — O que ela menos gosta?

Marcus — De fazer lição. Ela senta na mesa e fala: é chato.

Nós — Por que não gosta?

Marcus — E’ um pouco difícil para ela aprender contas, aritmética, subtrair, dividir, multiplicar e tabuada. O que ela gosta de aprender é piano e só.

Nós — Do que ela tem medo?

Marcus — Gato, vampiro da noite, monstro, um que vem assombrar a casa. Vampiro porque faz coisa ruim, chupa sangue.

Nós — O que ela quer ser?

Marcus — A menina? Enfermeira, é bom ser, cura a gente.

Nós — Como se chama o menino?

Marcus — Chama Cláudio, tem 12 anos.

Nós — Ele tem irmãos?

Marcus — Tem 5 irmãos.

Nós — De quem gosta mais, pai ou mãe?

Marcus — Do pai porque o pai faz tudo.

Nós — O que ele gosta de fazer?

Marcus — Gosta de brincar de mocinho, Capitão Estrêla. Não gosta de corcunda porque é feio.

Nós — Do que ele tem medo?

Marcus — De vampiro da noite porque aparece na janela. E' por isso que não assisto mais isso, não gosto. Gosto de far-west, espada.

Nós — O que ele quer ser?

Marcus — Vai ser médico, o menino, enfermeiro. Médico para cuidar dos doentes, dar remédio, injeção, tudo.

Nós — O que você quer ser?

Marcus — Eu? Pelo menos aviador. Conhece aviador? Não, vou ser bombeiro, conhece? Prá mim não gosto, tem de correr, trepar no carro, é chato. Gosto engenheiro, carpinteiro, marceneiro, essas coisas. Fabricar geladeiras.

Nós — O que você gosta de fazer na escola?

Marcus — Contas, formar sentenças, separar sílabas (fica quieto e de repente diz) Não gosto de lá. Dá vergonha com os amigos, com as meninas não. Tenho vergonha com os meninos e com as meninas não, porque elas são boas para mim. Eles são rebeldes. Não tenho malícia de conversar, tenho muita vergonha. Com as garotas converso, cumprimento quando entro. Conhece M. T.? (cita um nome). E' aluna, ensina contas, é educada. Meninos gosto menos porque conversam coisa feia, de detetive, perguntam coisas que a gente faz. A M. T. às vezes

mexe no meu cabelo e eu fico quieto? Fico não! Faço cócegas nela.

(Muda de assunto, propondo que nós o escutemos cantar. Levanta-se e vai buscar a sanfona desinteressando-se da prova).

Novamente encontramos um relato simples e franco da sua vida: a importância da figura feminina (mãe e namorada como motivos constantes e desenho da figura feminina), o amor ao pai, suas distrações, preocupações e desejos. Diz que vai ao cinema e beija a artista de televisão demonstrando na sua imaginação, o atual interesse no problema sexual e a infantilidade com que o encara (problema já mencionado pela professora). É interessante notar as diferentes respostas quando referindo-se à figura e a si mesmo na pergunta direta quanto às atividades escolares. Aliás, nas respostas às duas últimas perguntas (o que você quer ser e o que gosta de fazer na escola), Marcus voltou ao tom das entrevistas, aparentando importância na primeira e respondendo como sabe que deve ser na última.

No desenho das figuras humanas (figuras 1A e 1B do apêndice, respectivamente primeiro e segundo desenho feitos por Marcus) ambas apresentam características do sexo feminino. Esta fixação do sexo oposto pode ser interpretada como uma identificação com êle ou como a importância dada ao mesmo pelo sujeito, seja a uma pessoa em particular ou ao sexo em geral. A boca sombreada da fig. 1A é, segundo Machover, encontrada em indivíduos retardados mentais e indivíduos com dificuldades sexuais. Denota também a satisfação proporcionada pelos alimentos (boca como fonte dessa satisfação, dando entrada aos mesmos). A boca côncava da fig. 1B denota infantilidade, dependência; é uma boca aberta, pronta para receber alimentos. Os olhos desenhados por Marcus denotam também infantilidade e o desenho do nariz, símbolo do membro masculino, demonstra preocupações sexuais. Os braços para fora são freqüentemente encontrados em desenhos simples e regressivos e a falta de mãos na fig. 1A, em sujeitos com dificuldade de contacto social. Já os dedos em forma de garra colocados na fig. 1B podem ser considerados como sinal de agressividade. A dificuldade apresentada no

desenho dos pés, indica insegurança em relação ao meio ambiente, além da insegurança ao caminhar. O corpo traçado por apenas uma linha pode ser significativo de preocupação com o próprio pêso e o sombreado na saia da fig. 1A, indicação de conflito e ansiedade em relação a essa área. O tamanho pequeno da fig. 1A pode significar um baixo nível de energia ou um ego diminuído e a sua localização alta na fôlha, otimismo. E' interessante notar que a figura atribuída à mulher (fig. 1B) é bem maior e melhor localizada na fôlha (posição central) confirmando a importância e o papel de destaque atribuídos ao sexo feminino pelo sujeito. O tipo de risco pode ser considerado normal, não indicando nenhuma tendência específica.

Na prova de Barbel Inhelder (9), a qual fornece resultados em termos de nível de raciocínio, o seu equivale ao resultado de crianças normais de 7 a 8 anos, confirmando a debilidade mental já diagnosticada pelo teste de inteligência de Binet e Simon.

Com o correr dos encontros com Marcus, os quais duraram mais ou menos seis meses ininterruptos, pudemos conhecê-lo melhor. Marcus é hoje realmente um rapaz alegre e saudável, sem consciência das suas limitações, achando-se "bonito, inteligente e grande artista", dada a sua capacidade de imitações e de tocar sanfona (fatores de sucesso na família e na escola). Tivemos a oportunidade de vê-lo representar e ouvi-lo tocar. As representações são divertidas, mas extremamente infantis; trata-se de uma pantomima circense, que não revela observação real dos personagens imitados. Ele toca razoavelmente bem sanfona, o que faz de ouvido, por não conhecer música. Seus pais tomaram um professor, mas Marcus não foi capaz de apreender a teoria da música. Canta também razoavelmente bem, sabendo muitas letras musicais de cor.

De maneira geral, revela boa memória, tendo adquirido muitas noções práticas. Tivemos a impressão de que não as tem em maior número por não lhe terem ensinado ou por não lhe exigirem. As desaprovações e repreensões constantes de sua mãe e a excessiva indulgência de seu pai o prejudicam,

Há uma grande insegurança nas suas atitudes, ao mesmo tempo que uma certa “manha” para não ter que tomá-las. Cremos que se mais estimulado e menos repreendido, Marcus progrediria ainda consideravelmente nesse sentido, dadas algumas experiências que fizemos, orientando os pais.

Mas se em sociabilidade, noções práticas e saúde geral, Marcus pôde progredir, por anos de ensinamentos especializados e cuidados médicos constantes, no nível mental há evidentemente um atraso bastante grande em relação a sua idade. Lembrando-nos que Marcus tem 17 anos, as suas palavras e atitudes, o nível de escolaridade e os resultados dos testes, revelam um desenvolvimento do raciocínio equivalente ao de uma criança normal de mais ou menos 7 anos. A apatia e a dispersão também ainda hoje bem evidentes, são características bastante comuns em casos de debilidade mental.

Enfim, dos dados que pudemos colher, pareceu-nos encontrar um grande acôrdo entre tôdas as fontes de informação. O retrato de Marcus pôde ser traçado sem grandes dificuldades. Trata-se a nosso ver, de um caso típico de um grupo de débeis mentais: mongolismo e enorme dificuldade intelectual com tôdas as suas conseqüências, apesar dos cuidados médicos, psicológicos e pedagógicos sempre presentes em sua existência.

ROSA:

Enquanto Marcus provinha de um nível sócio-econômico superior ao médio, Rosa provém do nível médio; o pai de Marcus é um rico industrial e o de Rosa, um médico radicado no interior do estado. Rosa vive em São Paulo na casa da avó paterna, em ambiente bastante simples, sem luxo mas sem pobreza. Sua avó é pessoa de origem e aparência humildes, mas bastante inteligente e compreensiva, aceitando francamente o problema da neta e amparando-a com carinho.

Neste caso, mantivemos longas entrevistas com a avó, a professôra e Rosa e obtivemos informações da psicologista e do pai, o qual nos enviou uma carta bastante detalhada sobre a infância da filha. Por morarem no interior, não pudemos entrevistá-los (pai e mãe) mas cremos que a carta enviada substituiu em parte esta lacuna, especialmente dada a objeti-

vidade e conhecimento de causa demonstrados pelo pai, o qual sendo médico, escreveu também sob êsse prisma.

Rosa tem 13 anos, é loira e bonita; seu rosto é delicado, composto de finos traços e seu corpo bem feito, com pêso e estura normais à sua idade. Absolutamente nada na sua aparência indica seu atraso mental. Nem mesmo seus gestos, atitudes ou olhar. Apenas o mutismo e dificuldade de expressão, uma vez iniciada uma conversa. Ela é a terceira entre 6 irmãos, todos sadios física e psiquicamente. Nasceu de gestação normal e parto normal a têrmo. Foi alimentada com leite materno até os 6 meses, quando introduziram alimentação artificial, a qual foi muito bem aceita. Segundo o pai, nada de anormal ocorreu nesse primeiro ano de vida: saúde e aparência normais, dentição normal e perfeita. Apenas mereceu ser registrado um tombo de uma altura mais ou menos de 50 cms., aparentemente sem maiores conseqüências.

Mas, “com a idade de 1 ano” segundo as palavras de seu pai transcritas da carta, “teve uma febre vespertina durante uma semana, aproximadamente, que atingia sempre a 40°-40,5°. Apesar de uma série de exames complementares, não foi possível estabelecer-se um diagnóstico etiológico. Após a duração de uma semana, a hipertermia desapareceu por completo, sem deixar sequelas, pelo menos de imediato”.

Falou aos 3 anos e andou aos 20 meses, onde já se evidenciava um atraso no desenvolvimento. Teve tôdas as moléstias características da infância, as quais sofreram evolução normal, sem maiores dificuldades.

Rosa, aos 5 anos, entrou para o Jardim da Infância, onde permaneceu até os 7 anos. Ainda segundo o pai, “apresentava bom comportamento, mas nenhum aproveitamento no aprendizado”.

Com 8 anos foi matriculada no curso primário, onde também não demonstrou qualquer aproveitamento. Diz o pai que “ela não conseguiu aprender coisa alguma até os 10 anos, quando foi colocada em um curso individual, também sem o menor resultado, apesar de demonstrar muita boa vontade em aprender”.

Aos 10 anos e 4 meses, Rosa veio para São Paulo, tendo passado aqui por três diferentes instituições especializadas no ensino de crianças débeis mentais e permanecendo apenas alguns meses em cada uma delas. Atualmente, estuda com uma professôra particular também especializada nesse ensino, a qual lhe vem ministrando aulas há 1 ano e 6 meses. Nos primeiros meses das aulas individuais, Rosa freqüentava paralelamente o curso coletivo, mas êste foi abandonado por se registrar aproveitamento apenas nas aulas particulares.

Quanto a outras características de Rosa, passamos a transcrever a carta de seu pai:

“Sempre foi uma menina irritadiça, manifestando egoísmo extremo e de pouca sociabilidade. Com o decorrer dos anos, notou-se sempre a preferência por brincar com crianças menores, com grande diferença de idade, nivelando-se com elas nas disputas dos brinquedos. Era muito comum ela vir chorando porque perdera um brinquedo para outra criança ou por questões de somenos importância. Sempre foi menina dada a explosões por uma insignificância qualquer. Exemplos: desejo contrariado, avaria pequena em qualquer de seus brinquedos, etc.

Sempre foi exagerada nas suas manifestações de carinho ou manifestações de contentamento.

Nunca aprendeu uma canção por mais simples que fôsse, demonstrando sempre não ter a menor noção de tom, nem ritmo e nem melodia”.

A avó confirma a carta do pai, após tomar conhecimento de seu conteúdo, dizendo que “aqui aprendeu tudo: vestir, arrumar casa, etc.”. Confirma também o “mau gênio e a braveza” de Rosa, afirmando que somente em sua companhia “a menina acalmou, mas demorou um pouco”. Diz ela que deu “muito trabalho para educar a neta”.

Pedimos à avó que tentasse nos explicar com mais detalhes como a menina era antes de vir para a sua casa e como passou a ser depois. Respondeu-nos então, que achava tôdas as seis crianças de seu filho muito mimadas, especialmente pela mãe, mas que apesar disso, todos se davam muito bem “ape-

nas a Rosa fazia uma revolução na casa”. Rosa brigava com todos e mostrava-se ainda mais geniosa quando a mãe estava presente. “Até hoje, quando a mãe vem visitá-la, ela piora”, diz a avó. Tinha especial impicância pela irmã menor, desde que esta nasceu, agredindo-a fisicamente. Quando veio para a sua companhia (idéia da própria avó por achar que afastando-a do meio ambiente em que vivia e “onde não se dava bem, teria oportunidade de melhorar”) brigava muito com o avô. Depois, tendo êste ido para o interior em tratamento de saúde e lá permanecendo, Rosa acalmou-se, não brigando com mais ninguém (na casa moram também dois primos que estudam e trabalham em São Paulo, cursando Faculdades e muitos parentes as visitam). Admitindo ser a neta ainda hoje, muito nervosa, com crises de choro e agressividade, afirma que estas diminuíram em quantidade e intensidade. Quando Rosa briga com ela por qualquer razão, logo depois vem lhe agradar, dizendo: “a senhora precisa largar dessa cara feia”. Isso porque, afirma a avó, ela “não dá confiança às suas crises, agindo com severidade e distância”. Diz ter agido sempre muito severamente, ainda que com paciência e carinho, o que acredita ter dado bons resultados. A pior ameaça a Rosa é a de mandá-la de volta para casa, para onde ela não quer de maneira alguma voltar.

As duas, avó e neta, são boas companheiras, dividindo o serviço da casa e saindo juntas para passeios e compras. Rosa executa vários serviços domésticos, tais como varrer a casa, arrumar camas, lavar a louça, etc. Nas horas vagas, gosta de recortar revistas e colorir figuras. À noite, vê televisão até bem tarde.

A avó não lhe compra brinquedos por ela apegar-se demais a êles e não querer fazer mais nada a não ser brincar dias e dias com o mesmo objeto. Diz a avó que ela “se agarra a êle, chorando e gritando se alguém quiser lhe tirar”. Êste traço obsessivo é confirmado por outra passagem relatada pela avó. Rosa foi a uma missa de defunto e chorou demais, passando depois o dia inteiro a repetir “estava ruim, estava triste”. A avó levou-a para passear tentando distraí-la mas foi

inútil; ela continuou por longo tempo repetindo as mesmas palavras.

Rosa tem boa saúde em geral, afirma-nos a avó. Tem bom apetite e come muito bem, dormindo algumas horas depois do almoço, por ficar então sempre muito cansada. Seu único problema é uma ocasional dor de cabeça, a qual um médico consultado diagnosticou como causada pela vista. Menstruada aos 12 anos e 1 mês, durante êsses períodos, fica “sem atenção, muito parada e quieta”.

Normalmente, Rosa demonstra boa memória e aprende bem as coisas rotineiras. Desde que está em sua casa, aprendeu tanta coisa (vestir-se, higiene pessoal, serviços caseiros, fazer compras no bairro, dar recados, etc.) que acredita a avó, ainda venha Rosa a aprender muito mais.

Na entrevista com a professora particular, revelou-nos esta, que baseada na sua experiência com alunos débeis mentais, considera Rosa uma aluna especialmente difícil. O contacto pessoal preliminar necessário para o bom andamento no aprendizado, foi longo e penoso. Rosa não falava, não respondia a nada, permanecendo quieta por longos momentos. As perguntas diretas, as propostas de jogos e brincadeiras eram ignoradas ou quando muito aceitas de maneira esquiva e distante. Declarou-nos a professora, ter a impressão de que Rosa às vezes demonstrava “querer aparentar pouco caso, desinterêsse”, outras vezes calar-se por dificuldade real em responder. Ambas atitudes, ainda que diferentes na motivação, resultavam em aparente apatia. Mas aos poucos Rosa se foi “deixando levar” e atualmente a recebe com visível agrado, considerando-a, uma amiga. O “desinterêsse” (provavelmente simulado) desapareceu completamente, mas a dificuldade de se expressar continua. Entretanto, uma vez aberta e acessível, ela passou a mostrar-se bastante geniosa, apresentando-se ora “amável e cooperadora, ora irritada e desafiante, fazendo cenas de malcriação”. Referiu-se às “crises de dor de cabeça”, as quais aparecem segundo a professora, quando Rosa está sem vontade de fazer a lição, ou com dificuldade em aprendê-la ou querendo alguma coisa que lhe foi negada parecendo, portanto, na sua opinião,

mais um pretexto do que uma dor real. Acrescenta ela a esta opinião, o fato observável de Rosa não usar óculos e enxergar bastante bem, não confirmando o diagnóstico médico a êsse respeito.

Quanto ao aprendizado, diz que uma vez vencido o período inicial de difícil aproximação e nenhum aproveitamento, Rosa passou a interessar-se bastante pelas aulas e então, também a aprender razoavelmente, já tendo adquirido muitos conhecimentos. Considerando que anteriormente a estas aulas, afirmou-se Rosa apresentar um aproveitamento nulo ou quase nulo, êste período de 1 ano e meio foi bastante proveitoso, pois Rosa já está alfabetizada; já sabe ler e escrever ainda que de maneira rude, faz somas e subtrações e demonstra algum conhecimento geral de ciências, história, geografia, religião, etc. Acredita a professôra que seu desenvolvimento não alcançará o normal de meninas de sua idade, pois que realmente ela apresenta bastante dificuldade para aprender, mas que ainda poderá progredir sensivelmente, dado o ritmo atual de aquisições positivas verificado nas aulas. Observou, entretanto, que durante as menstruações, há como que uma “regressão nas suas atitudes”, voltando à apatia inicial; Rosa torna-se distante, quieta e parada, não prestando atenção alguma às lições e conseqüentemente nada aproveitando das mesmas nesses períodos.

A psicologista que a examinou quando freqüentava a classe especial para débeis mentais, considerou-a como muito retardada mentalmente em relação à sua idade cronológica, considerando-a praticamente inapta para o aprendizado escolar. Sugeriu, em entrevista com a avó, que seria preferível um curso particular, onde o máximo seria tentado, mas que destas aulas também não fôsse esperado muito aproveitamento. O resultado do teste de Binet-Simon para verificação do nível mental foi Q. I. — 40 e o resumo da entrevista com Rosa: Apatia, distração e alheamento. Grande dificuldade de expressão e de compreensão. Forte retardamento mental.

Nas nossas entrevistas com Rosa, esta recebeu-nos com o mesmo pouco caso e a mesma distância já registrados pela pro-

fessôra e pela psicologista. Mas pareceu-nos perceber através dessa atitude, uma velada curiosidade, a qual logo depois apareceu claramente. Nas primeiras entrevistas, a professora esteve presente e Rosa apenas se dirigia a esta, ignorando a nossa presença. Quando lhe perguntávamos alguma coisa, ela nos respondia lacônicamente, ora demonstrando indecisão, ora frieza. Era aparente a dificuldade de expressão. Após alguns dias, Rosa começou a nos fazer perguntas sobre quem éramos, o que fazíamos, comentários sobre a nossa roupa, etc. Era mais comunicativa em determinada entrevista, noutra menos. Mas, mesmo com o correr do tempo, ela não se tornou uma grande conversadora; Rosa é, sem dúvida, uma menina quieta, com bastante dificuldade de falar. As frases lhe saem curtas, difíceis e mal feitas, como se pode verificar no seguinte diálogo mantido conosco:

Nós — O que você faz?

Rosa — Nada.

Nós — (Insistimos na pergunta sob outras formas).

Rosa — Fico aqui sentada com a vovó.

Nós — (Insistimos ainda).

Rosa — Varro a casa, arrumo a cama, televisão GE.

Nós — De que programas você gosta?

Rosa — Lurdinha, papai, mamãe e eu, Pam, pam, pum.

Nós — Você se veste sôzinha?

Rosa — E'.

Nós — Você gosta mais daqui ou de onde você morava?

Rosa — Aqui.

Nós — Por que?

Rosa — Porque não vou prá lá.

Nós — Por que você não vai prá lá?

Rosa — Porque vi muito êles. Quero ir de Santos.

Nós — Por que?

Rosa — Porque tem um nenê que chama Teresa Cristina. (A avó explica que o “nenê” tem 6 anos e que as duas brincam muito. Diz Teresa Cristina ter muitos brinquedos, razão a seu ver, de Rosa gostar tanto de ir à sua casa).

Durante toda a nossa convivência, (média de 2 entrevistas semanais durante 6 meses), Rosa visivelmente controlou suas explosões de nervos. Nunca a vimos chorar ou gritar. Percebemos algumas vezes, estar ela com raiva das pessoas que a cercam, falando, entre dentes, “não faço”, “não vou”, etc. e fazendo gestos bruscos e repentinos. Vimos ainda, algumas malcriações para a avó e para a professora, mas em sua atitude para conosco, não houve muitas variações. Ela não levou muito tempo para aceitar a nossa presença, mas também não se abriu por completo nesse sentido. Tivemos a impressão de sempre representar para ela, uma visita que deveria ser agradada e ser favoravelmente impressionada. Assim, também neste caso, pensamos que a obtenção indireta de informações por intermédio de testes, poderia nos auxiliar a conhecê-la.

Foram as seguintes as suas reações face às figuras da prova C. A. T.:

1.º) Nós — O que você está vendo nesta figura? Conte uma história sobre ela.

Rosa — Leão, leão, uma travessa, estão comendo (silêncio).

Nós — Qual é o leão? Quem é este aqui em cima?

Rosa — Um galo.

Nós — E estes? (aponto os que estão à mesa).

Rosa — Peru, peru. São amigos (silêncio).

2.º) Nós — E nesta figura, o que você vê?

Rosa — Esta... (hesita). Estão brincando de corda. Este está brincando, está puxando a corda.

Nós — Quem são eles, é uma família?

Rosa — Pai (direita).

Nós — E os outros?

Rosa — Este, mãe.

Nós — E o pequeno?

Rosa — Filho.

3.º) Nós — O que você está vendo nesta figura?

Rosa — (silêncio) Avô. Fumando charuto é avô. Está com a bengala.

Nós — O que êle está fazendo?

Rosa — Está fumando charuto e brincando com a bengala.

Nós — O que êle gosta de fazer?

Rosa — Trabalhar com o charuto dêle.

4.º) Nós — E nesta figura?

Rosa — Está andando com uma sacola no pescoço, êste segurando bola e êste andando de bicicleta. Uma cestinha e um chapéu.

Nós — E' uma família?

Rosa — Essa mãe (na bicicleta) essa pai (figura maior), êsse pequeno, coelho.

Nós — O que êles estão fazendo?

Rosa (Hesita). Vão dar uma volta.

5.º) Nós — E nesta figura?

Rosa — (Silêncio). Uma cama. Êle está deitado na cama porque tem dor de cabeça (hesita).

Nós — Êle está com dor de cabeça?

Rosa — Hoje não.

Nós — O que mais você vê?

Rosa — Abatjour, cama.

Nós — Tem alguém dormindo na cama?

Rosa — Tem uns meninos de cabeça coberta.

Nós — Quem são êles?

Rosa — Amigos. (Mostrando a cama menor diz). Êsse pai, essa a mãe.

Nós — O que estão fazendo?

Rosa (Silêncio). Não sei.

6.º) Nós — O que você vê aqui?

Rosa — Porco, um e dois.

Nós — O que êles estão fazendo?

Rosa — Estão na casinha brincando de casinha com êles. Aqui é a árvore dêles.

Nós — Êles gostam de brincar de casinha?

Rosa — Gostam de pique, de roda (hesita, não responde mais).

7.º) Nós — E nesta figura?

Rosa — Isso é uma onça.

Nós — O que está fazendo?

Rosa — Estão puxando o rabo dos outros (hesita). Estão brincando de casinha nesta árvore.

8.º) Nós — E aqui?

Rosa — Estão sentados em um sofá-cama e êstes estão tomando café, acabam de tomar e vão brincar de casinha. Ali um quadro.

Nós — Quem está no quadro?

Rosa — E' um homem.

Nós — Você sabe quem é?

Rosa — Pai.

Nós — E êstes quem são?

Rosa — O pai e a mãe (o macaco sentado e o macaquinho).

Nós — O que estão fazendo?

Rosa — Conversando. Estão fazendo as pazes. Tinham brigado.

9.º) Nós — E nesta figura?

Rosa — O coelho está deitado na caminha dêle.

Nós — Por que êle está sòzinho?

Rosa — Porque gosta. Aqui está a porta. A porta está fechada.

Nós — O que êle está fazendo?

Rosa — Está pensando em brincar de casinha.

10.º) — Nós — E aqui?

Rosa — Aqui toalha, mesinha, cadeira, banco. Êles estão brincando de casinha.

Nós — Quem são êles?

Rosa — Pai o grande. A mãe está no colo. Aqui a privada.

Nós — Êles tem filhos?

Rosa — Só êsse aí (no colo).

Nós — Êle tem irmãos?

Rosa — Só aquele (mostra uma mancha).

As respostas de Rosa foram dadas com a costumeira dificuldade que ela apresenta ao falar. Entre uma frase e outra algumas vezes calava-se por bastante tempo; outras vezes hesitava em responder e raramente o fazia de imediato. O nível das respostas foi sempre quase que apenas descritivo, muito infantil. Não encontramos como no caso de Marcus, conflitos aparentes nas suas relações com os pais. Também não encontramos uma identificação perfeita das figuras com as pessoas da sua família. Por exemplo, na 10a. resposta, o filho tem apenas um irmão (visto em uma sombra na figura) enquanto Rosa tem 5 irmãos. Esta resposta talvez sugira a preferência no seu caso, por alguns dos irmãos ou irmãs (ela confunde o sexo nas respostas) ou a importância dada por ela em seus pensamentos, a algum deles. Há referências claras às suas preocupações tais como a dor de cabeça na 6a. resposta e o gostar de brincar “de casinha” repetido em várias respostas (6a., 7a., 8a., 9a. e 10a. respostas). Esta repetição poderia indicar uma “saída” para as perguntas, pois após a primeira resposta nesse sentido, não mais deixou de incluí-la até o final da apresentação das figuras. Ou poderia ainda, indicar uma atitude do tipo obsessivo, semelhante a algumas atitudes registradas nas entrevistas, como tidas por ela na vida cotidiana.

Assim como as pessoas entrevistadas relataram ter que insistir quando dela requerem uma contestação, tivemos que insistir muito para obter as sumárias respostas apresentadas, o que foi feito em cinco diferentes entrevistas. Sua atitude parece demonstrar uma real dificuldade em responder, provavelmente por uma dificuldade de “pensar” uma resposta e não por timidez ou por defeito de pronúncia, gagueira, etc. Seus olhos, sua expressão e seus gestos revelam muitas vezes um grande e sincero interesse e, por outro lado, às vezes em que assume uma atitude de desinteresse, esta parece forçada e exagerada. cremos que esta última é mais uma “cobertura” para a sua dificuldade de participação nas situações do que um sentimento real.

Na prova do desenho da figura humana de Machover, Rosa deu as respostas que seguem:

Nós — Desenhe uma pessoa.

Rosa — (Desenhou calada).

Nós — Como se chama essa pessoa?

Rosa — (Hesita). João.

Nós — Quantos anos êle tem?

Rosa — 8.

Nós — (Pedimos então que desenhasse uma menina).

Rosa — (Desenhou calada e depois disse): Êsse é o pai, essa a mãe (pai figura maior).

Nós — Êles tem filhos?

Rosa — Só dois. Êsse é uma menina e êsse o paizinho dêle (pai, figura maior).

Nós — A menina tem irmãos?

Rosa — 1.

Nós — De quem ela gosta mais, do pai ou da mãe?

Rosa — Da mãe.

Nós — O que ela gosta de fazer?

Rosa — De brincar.

Nós — O que ela não gosta de fazer?

Rosa — Lavar a louça.

Nós — Do que ela tem mêdo?

Rosa — De nada.

Nós — O que ela vai ser quando fôr grande?

Rosa — (Silêncio. Após insistência). Nada.

Nós — A menina se parece com você?

Rosa — (Não responde).

Como Marcus, Rosa desenhou duas figuras semelhantes, de tamanho diferente. Variou na identificação dos desenhos, mudando três vêzes: primeiro um menino, depois a mãe e o pai (após desenhar a segunda pessoa) e finalmente, a menina e o pai. A menina é uma projeção simples, semelhante à encontrada no C. A. T. Aqui também, apenas um irmão é citado. Nas duas últimas perguntas (“o que você vai ser quando fôr grande” e “a menina se parece com você”) Rosa demonstrou grande dificuldade em responder. Olhava-nos visivelmente atrapalhada e aturdida pelas perguntas. Tivemos a impressão

de que pensar no futuro e estabelecer uma comparação foram tarefas muito penosas para ela.

Apesar de pedirmos a Rosa que desenhasse a segunda figura em outra fôlha de papel, ela o fêz na mesma, apresentando nas suas atitudes, estar copiando a primeira, pois olhava seguida e atentamente para esta. Realmente, ambas são similares, sendo a primeira (fig. 2A) mais espontânea que a segunda (fig. 2B). O rosto sem traços faciais é, segundo Machover, índice de evasão nas relações sociais e a falta de braços indicativa de falta de relação com o mundo exterior, encontrada geralmente em sujeitos introvertidos, com dificuldade de contactos sociais. As formas semelhantes a enormes orelhas em ambas as figuras e fortemente sombreadas na fig. 2B, demonstram grande sensibilidade à crítica, preocupação com a opinião pública sobre a própria pessoa. Machover cita um caso de um débil mental que era freqüentemente chamado de “burro” e quando desenhou a seu pedido, fêz as figuras humanas com orelhas de burro. Demonstram ainda desconfiança nas relações sociais. O formato do corpo parece indicar um vestido longo, o qual significaria o desejo de agradar, de encantar, ou seja, de querer ser estimada e apreciada. A localização da figura à esquerda de uma suposta linha central indica introversão e o traçado forte das linhas, agressividade. Enquanto fazíamos as perguntas, Rosa espontaneamente começou a desenhar na segunda fôlha (fig. 2C). É interessante notar que a cabeça, a qual a perturbava sensivelmente nos primeiros desenhos, dando a impressão de estar sendo desenhada com muita dificuldade, foi gradativamente suprimida na sequência dos desenhos. Segundo Machover, a cabeça significa poder intelectual, domínio social e contrôlê dos impulsos corporais; é o órgão das relações sociais por excelência. Os indivíduos neuróticos, deprimidos ou socialmente desadaptados são os que geralmente apresentam dificuldade em desenhá-la.

Quanto ao teste de Barbel Inhelder para verificação do nível de raciocínio, Rosa situou-se na mesma etapa que Marcus, ou seja, na etapa equivalente a normal em crianças de 7 a 8

anos de idade cronológica, evidenciando portanto também, grande retardamento mental.

No dia a dia com Rosa, pudemos observar que ela realiza satisfatoriamente as tarefas caseiras, dando ainda recados fora de casa e fazendo compras desde que leve o dinheiro certo e não tenha que tomar conduções. Andando pelas ruas próximas à sua casa apresenta um bom sentido de direção, nunca tendo se perdido ou se atrapalhado. Pudemos também observá-la nos períodos de menstruação, quando foi dito que ela se mostrava “quieta, parada e sem atenção”. A impressão que tivemos foi a de um estado de lassidão, de uma espécie de torpor, o que não é de todo incomum nessas fases.

Quanto a sua dificuldade de contacto social, a atitude distante o mutismo, constatamos poderem ser ultrapassados após uma etapa inicial. A opinião por exemplo, da psicologista, dada após uma única entrevista, certamente foi influenciada por esta primeira atitude, a qual nos pareceu ser uma “cobertura” usada por Rosa para esconder a sua dificuldade intelectual. Esta, nestas condições, parece maior do que realmente é, pois uma vez vencida, deixa lugar a uma atitude de interesse e curiosidade pelas pessoas e pelas coisas, demonstrando Rosa então, fazer grandes esforços para aprender.

Finalmente, do que pudemos apurar sobre ela, houve um nítido progresso na sua personalidade sob todos os pontos de vista, desde a sua infância até os dias de hoje. Da menina “explosiva” que não “aprendia nada”, ela passou a ser uma menina bastante controlada, aprendendo razoavelmente o que lhe ensinam. Na primeira infância, na fase escolar inicial, nos primeiros tempo em São Paulo, depois, com o início das aulas particulares e posteriormente, nas entrevistas conosco, podem-se identificar distintas fases progressivas. Rosa foi se tornando mais aberta e comunicativa, menos geniosa e irascível e cada vez demonstrando maiores possibilidades de aprendizado. Houve como que um processo de socialização, facilitado provavelmente pelo tratamento mais adequado desenvolvido pela avó e pela professora particular.

Mas pensar e falar foram e ainda são para Rosa, processos penosos. Ela demonstra uma dificuldade nesse sentido dificilmente corrigível, mesmo com métodos pedagógicos especiais. Há um atraso no seu desenvolvimento mental muito grande em relação à sua idade cronológica. Rosa teve bastante amparo e assistência em todos os sentidos, não parecendo portanto se tratar de um caso de debilidade pedagógica. Tampouco tem-se a impressão de estar diante de um caso de severos distúrbios emocionais, neurose ou psicose, que poderiam ocasionar uma debilidade funcional. Se aparentemente não foi encontrada uma causa hereditária, nem pré-natal ou natal (doenças infecciosas de mãe, acidentes de parto, etc.) explicativos do retardamento, parece entretanto haver uma causa orgânica, talvez relacionada com a febre sem diagnóstico etiológico, sofrida por ela ao completar o seu primeiro ano de vida.

Assim, se Rosa pode ser classificada como débil mental, dado o seu baixo nível de raciocínio e enorme dificuldade de desenvolvimento intelectual (apesar da escolaridade especial) ela apresenta hoje, uma personalidade bastante adaptada ao seu meio ambiente, com perspectiva de melhor adaptação no futuro. E do que pudemos observar quanto ao seu histórico, no qual verificou-se que Rosa “não aprendia nada” quando emocionalmente descontrolada e à medida em que foi se controlando, se acalmando e se adaptando, foi mostrando maiores possibilidades de aprendizado, podemos também supor que ela ainda realizará progressos também no setor intelectual, embora provavelmente nunca atinja o nível mental normal em relação à sua idade cronológica.

JOSE'

José é um menino pobre. Muito magro, roupas rasgadas e pés descalços, frequenta uma das classes especiais para débeis mentais, mantidas pelo govêrno. Tem atualmente 14 anos de idade.

De José obtivemos menos informações do que de Marcus e Rosa, pois não conseguimos falar com seu pai ou qualquer

outra pessoa da família. Os dados que temos a seu respeito foram fornecidos pela psicologista e pela professora de classe, além das entrevistas com êle próprio.

Seu pai trabalha na limpeza pública da cidade, saindo de casa muito cedo e voltando tarde da noite. Pedimos por intermédio de José, que êle se comunicasse conosco, mas não obtivemos resposta. Sua mãe há muitos anos abandonou o lar. Em companhia de seu pai, vive uma moça de 17 anos, a qual nada sabe a respeito da infância de José e recusa-se a prestar quaisquer informações, alegando nada ter a ver com o menino. Da sua ligação com o pai de José, nasceram duas crianças, uma atualmente com 3 anos e outra com 4 meses. Vivem os cinco em um quarto e cozinha alugados, em condições extremamente precárias.

Na entrevista da psicologista com o pai, por ocasião da matrícula de José na classe especial, êste relatou ser José fruto da segunda gestação da sua mulher, sendo que o filho mais velho, atualmente com 15 anos, não vive com êle, não tendo do mesmo nenhuma notícia. Afirma que a gravidez e o parto de José foram normais e que a sua aparência física ao nascer nada revelava de anormal. Lembra que não houve problemas quanto à sucção do leite materno, mas nada mais sabe sobre o seu desenvolvimento. Diz ter a mulher o abandonado há mais ou menos 12 anos, também não sabendo de seu paradeiro. Critica o filho por ser “rebelde e briguento”, mas não o considera mentalmente retardado. Informa ainda que José nunca esteve doente.

Revela a psicologista, por sua vez, após a mesma entrevista, que o pai de José lhe deixou muito má impressão. Analfabeto, de atitudes agressivas, presta informações de má vontade quanto ao filho, demonstrando completo desinteresse pelos seus problemas escolares. Perguntou à psicologista, se não seria possível interná-lo, porque em casa “briga muito” com a sua companheira, debatendo-se os dois fisicamente. Admite também que o castiga fisicamente com freqüência por ser êle “ruim pelo sangue” (alusão à mãe). Mostrou durante toda a

entrevista, forte rejeição em relação a José, deixando claro que gostaria de livrar-se do mesmo.

José, após o desaparecimento de sua mãe, passou a viver com uma tia, de quem gostava muito, ainda segundo o pai. Morava então em uma fazenda no interior do estado e José freqüentou durante 4 meses o Grupo Escolar mais próximo ao local. Vindo sua tia a falecer, voltou a morar com o pai e sua nova família, o qual estava em São Paulo desempregado e sem residência fixa. Alugaram depois o quarto onde ainda vivem e José passou a freqüentar o Grupo Escolar do bairro, de onde, após um mês, foi encaminhado para uma classe especial para débeis mentasi, alegando a professora do Grupo, apresentar o menino falta de aproveitamento e indisciplina. Entre a vinda de José para São Paulo e a entrada no Grupo Escolar, passaram-se 2 anos, tempo em que êle estêve sem escolaridade alguma.

Na entrevista com a psicologista, José mostrou-se extremamente revoltado, agressivo, desconfiado e instável. Demonstrando grande animosidade contra a psicologista, o pai e a professora que apresentou a queixa contra êle, teve a psicologista a impressão de José estar se sentindo sòzinho no mundo, reagindo contra os “inimigos que o perseguem”. As suas respostas ao teste e à interlocutora foram visivelmente prejudicadas pelo seu estado de forte perturbação emocional. Diagnosticou tratar-se de um caso de retardamento mental provavelmente devido a sérios distúrbios emocionais. No teste de Binet-Simon para verificação do nível mental, foi encontrado um Q. I. — 46.

Entrando para a classe especial, a professora, informada da situação pela psicologista, tratou-o com especial carinho. Na nossa entrevista com ela, contou-nos considerar José fruto exclusivo de problemas efetivos, pois reagindo ao tratamento amigo e compreensivo da sua parte, começou também a tratá-la com gentileza e docilidade. Oferece-lhe objetos pessoais e insiste em lhe prestar pequenos favores, estando sempre atento ao seu menor desejo. Na sua opinião êle encontrou um objeto para a sua afeição filial sempre frustrada (a mãe foi

embora, a tia faleceu); êle a trata muito mais como mãe do que como professôra. Quanto às suas relações com os colegas, quando provocado, reage respondendo imediatamente e ficando muito vermelho, mas em classe, não apresenta nenhum problema de disciplina, nunca provocando os outros ou iniciando qualquer distúrbio.

A sua reação ao aprendizado, também segundo a professora, foi ainda mais surpreendente, sendo êle um caso sui generis na sua experiência com classes especiais para débeis mentais. Tendo entrado semi-alfabetizado, em 6 meses aprendeu a ler e escrever correntemente, aprendeu subtrações e somas com transposição com apenas uma explicação, está aprendendo com muita facilidade a multiplicar e dividir, formar sentenças, etc. Acredita ela que nesses seis meses, José aprendeu o equivalente a 2 anos de escolaridade, achando que êle deverá voltar no próximo ano letivo, para as classes comuns, dados os seus já adquiridos conhecimentos e atual disposição para aprender.

Com estranhos, José ainda se mostra arredio e desconfiado, mas nada agressivo. Na primeira entrevista mantida conosco, respondeu da seguinte forma:

Nós — Com quem você mora?

José — Com meu pai.

Nós — E sua mãe?

José — Não tem mãe, ela fugiu com outro.

Nós — Onde você mora?

José — (Declinou com facilidade o enderêço: rua, número e bairro).

Nós — Você vem sòzinho para a escola?

José — Venho.

Nós — Que condução você toma?

José — (Disse corretamente qual a condução).

Nós — Você sabe quanto tempo mais ou menos você demora para chegar ao colégio?

José — Levo 15 minutos. Um dia fui a pé, levei 50 minutos. Consultei no relógio da escola e em outro perto da minha casa.

Nós — Você está gostando da escola?

José — Estou.

Nós — Do que você gosta mais?

José — Gosto de tudo, mais de conta.

Nós — Você gostava do Grupo Escolar onde estava?

José — No outro Grupo estudei nem um mês.

Nós — O que você aprendia lá?

José — Continha, problema, leitura...

Nós — De desenho você gosta?

José — Desenho quase não sei fazer.

Em outras entrevistas, perguntamos sobre a sua família.

Por exemplo:

Nós — Você tem uma madrasta, não tem?

José — Tenho.

Nós — Você gosta dela?

José — Eu não. Ela briga muito com a gente, com o pai, comigo e a menina.

Nós — Que menina?

José — A de 3 anos.

Nós — Por que ela briga? Vocês fazem reinações?

José — Não, ela é ruim mesmo.

Nós — E com seu pai, por que ela briga?

José — Não sei. Acho que é muito criança. Ela dá no pai e o pai dá nela. Porque ela começa bater na menina e o pai não gosta.

Nós — E em você ela bate?

José — Ela quer mandar em mim.

Nós — E seu pai?

José — Ele menos do que ela.

Nós — Você gosta de seu pai?

José — Gosto.

Tôdas as informações dadas por êle (enderêço, condução para a escola, andar só pela cidade, situação familiar, etc.), foram confirmadas pela psicologista e pela professôra. José respondeu com segurança e firmeza à maioria das perguntas e quando não quis responder, esquivou-se com habilidade. Por exemplo, quando perguntamos se gostava do Grupo Escolar onde estudava antes e se a madrasta e o pai batiam nêle. Entre-

tanto, se reage desta forma em um diálogo, muda de atitude completamente frente aos testes. Torna-se inseguro e reticente, como que duvidando da sua capacidade de responder.

Foi lacônico frente às figuras do teste projetivo C. A. T., apenas nomeando e descrevendo os animais. Quando insistimos em quem eram e o que estavam fazendo, respondia.

José — São apenas figuras de bichos.

Provavelmente o medo de “errar” as resposta, a repressão emocional e a natureza infantil do teste (em relação ao seu nível mental) contribuíram para a dificuldade de projeção de seus problemas pessoais.

Na prova de desenho da figura de Machover, José deu as seguintes respostas:

Nós — Desenhe uma pessoa.

José — (Desenhou uma figura de sexo indefinido; sem corpo, apenas cabeça, braços e pernas).

Nós — Como se chama essa pessoa?

José — Toninho. (Recusou-se a desenhar outra pessoa do sexo feminino, dizendo “eu não sei”).

Nós — Quantos anos ele tem?

José — 24 anos.

Nós — Ele é casado ou solteiro?

José — Solteiro.

Nós — Com quem ele mora?

José — Mora com a mãe.

Nós — Ele tem irmãos?

José — Não tem irmãos.

Nós — O que ele faz?

José — Trabalha, é mecânico.

Nós — O que ele gosta de fazer?

José — (Demora para responder) gosta de trabalhar, de namorar...

Nós — Ele tem namorada?

José — Tem. Chama M. J. (diz o nome).

Nós — Ele vai casar com ela?

José — Vai.

Nós — Êles vão ter filhos?

José — Não.

Nós — Por que?

José — Porque sim.

Nós — O que êle não gosta de fazer?

José — (Demora muito para responder). Não gosta de estudar.

Nós — Por que?

José — Não sei.

Nós — (Insistimos na pergunta).

José — Acha difícil.

Nós — Do que êle tem mêdo?

José — Tem mêdo de ladrão, tem mêdo de cobra.

Nós — Êle já viu cobra?

José — Já, em um sítio.

Nós — Você conhece alguém que se chama Toninho?

José — Conheço.

Nós — O que êle faz?

José — Namora, trabalha... Não sei o que êle faz. Conheço porque mora perto de nossa casa.

Nós — Você gostaria de ser como êle quando crescer?

José — Gostaria.

Nós — Quantos anos êle tem?

José — E' moçinho ainda.

Nós — Você gosta dêle?

José — Gosto.

Nós — Por que?

José — Porque me trata bem.

Nós — Você gosta de estudar?

José — Gosto.

Nós — O que você quer ser quando fôr grande?

José — Ser mecânico.

Nós — O que você não gosta de fazer?

José — Não sei.

Nós — Do que você tem mêdo?

José — De cobra e ladrão. Vi cobra onde nós morava, em... (diz a localidade).

Nós — Onde fica êsse lugar, fica longe?

José — Fica perto do Paraná, bem longe.

Nós — Você era pequeno?

José — Tinha 8 anos quando vi a cobra pela primeira vez.

A projeção de Toninho corresponde ao seu tipo ideal, ao rapaz como êle quer ser, a qual inclui traços do Toninho que êle conhece e seus próprios. “Mora com a mãe”, por exemplo, é provavelmente uma resposta que corresponde a um seu anseio, ou seja, à vontade de ter uma mãe. A desarmonia com a madrastra e conseqüente impossibilidade de amá-la como mãe e a transferência do afeto filial para a professôra confirmam, a nosso ver, essa impressão. As respostas “não tem irmãos” e “não vai ter filhos”, provavelmente correspondem também a traumas seus, relacionados com êsses assuntos. Admitindo querer se parecer com Toninho se contradiz apenas nas respostas “não gosta” e “gosta de estudar”, a primeira atribuída àquele, explicando que êle não gosta porque “acha difícil”. Parece ser esta a sua verdade, não admitida pessoalmente pela noção de que não o deve ser. A necessidade de carinho e afeto transparece ainda na resposta “porque me trata bem”, quando perguntado porque gostava de Toninho. E’ sintomática a repressão emocional em relação à figura feminina, que não foi desenhada.

A primeira figura (fig. 3A) a muito custo foi desenhada por José, o qual repetia “eu não sei desenhar”. Os traços faciais, olhos e bôca denotam grande timidez. Os braços e as pernas saindo diretamente da cabeça, podem ser interpretados segundo Machover, como infantilidade ou como necessidade de segurança emocional (explica Machover ser a cabeça do adulto o órgão mais importante para esta segurança). As duas linhas paralelas que saem da cabeça e vão até os pés, podem estar valendo no desenho, pela parte do tronco, o qual na realidade não foi desenhado. Êste tipo de desenho é freqüentemente encontrado em indivíduos regressivos, primitivos ou desorganizados psiquicamente. Os braços caídos ao longo do corpo denotam também desamparo e insegurança. A falta de mãos, a dificuldade no contacto social e os pés fortemente som-

breados, agressividade. O tamanho da figura, a colocação na folha de papel e o risco do lápis podem ser interpretados como normais, não revelando nenhuma tendência específica. Segundo Machover, a colocação do desenho na folha e o tamanho da figura equivalem à colocação do indivíduo no meio ambiente e ao espaço psicológico ocupado por êle nesse mesmo meio ambiente.

José foi o único dos três a atingir uma etapa de raciocínio no teste de Barbel Inhelder, praticamente equivalente a sua idade cronológica. Se no início da prova, êle se atrapalhou nas respostas, mostrando-se muito confuso e nervoso, logo depois começou a dar respostas certas, embora não explicando a razão das mesmas. Sempre incerto quanto à sua capacidade de responder, mostrava-se como que receoso em tentar explicar o porquê das suas opiniões. A etapa de raciocínio atingida por êle, corresponde à etapa normal atingida aos 12 anos mais ou menos, de idade cronológica.

Apesar de possuírmos relativamente poucos dados sôbre o período anterior a sua entrada na classe especial, cremos que os 6 meses em que aí estêve e onde pudemos, por êsse tempo, acompanhá-lo de perto, assistindo às aulas, observando-o nos recreios e entrevistando-o pessoalmente, foram suficientes para formarmos uma impressão sôbre José.

A sua infância atribulada e frustradora, afastando-o sucessivamente dos entes queridos e os últimos dois anos, quando voltando para a companhia do pai, encontrou-o distante e inamistoso, acompanhado de uma nova mulher e novos filhos, foram sem dúvida, traumatizantes. Desadaptado na grande cidade, passando praticamente fome em um ambiente de atritos e rancores, hostil ao máximo a êle, sem escolaridade alguma por longo tempo, José perturbou-se emocionalmente de tal forma, que na sua entrada em um Grupo Escolar foi considerado débil mental. Os seus problemas afetivos não o deixavam raciocinar e faziam dêle um sério problema de disciplina escolar, por sua rebeldia e agressividade. Com os cuidados especiais da psicologista e da professôra, à medida que o tempo (surpreendentemente curto para tal efeito) foi passando, José

começou a se sentir entre amigos que o estimavam, podendo então relaxar a sua permanente atitude de defesa. E à medida em que foi se adaptando, sendo aceito e aceitando o ambiente escolar, saindo, enfim, da grande tensão nervosa que o dominava, foi podendo raciocinar e aprender.

Além das informações da professôra sôbre a sua capacidade de aprendizado, pudemos constatar nas nossas entrevistas e nos testes, serem as suas respostas e atitudes as de um menino arredio (exceto com a profesôra e os colegas), inseguro e incerto sôbre si mesmo, mas não as de um débil mental. As informações dadas por êle são corretas e precisas, revelando noções de tempo e distância impossíveis a um débil mental. O seu sentido de orientação e noção de idade são também de um menino de desenvolvimento mental normal. Contrariamente ao primeiro teste para a verificação do nível mental, onde, segundo a própria psicologista, as suas respostas foram incorretas devido ao seu estado de forte perturbação emocional, no teste de verificação de nível mental por nós aplicado algum tempo depois (3 meses) ainda que sob forte nervosismo, deu respostas corretas.

Assim, a nosso ver, José inicialmente poderia ser classificado como um caso de falsa debilidade mental, ou seja, impossibilidade temporária de raciocínio por distúrbios emocionais. Êle foi recuperado na classe especial, restando saber se na sua volta às classes normais, os efeitos perdurarão; se a sua experiência aí foi decisiva para a sua personalidade ou se novos ambientes hostis o perturbarão emocionalmente outra vez. Enfim, até que ponto a sua recuperação foi consolidada nesses curtos 6 meses, ficando entretanto essa possibilidade definitivamente provada.



Marcus, Rosa e José são, como vimos, bastante representativos de três tipos diferentes de debilidade mental. Após uma entrevista e um teste para a verificação do nível mental, apresentavam em comum um diagnóstico inicial que os classificava como débeis mentais. Os três, nas entrevistas, mostraram gran-

de dificuldade de raciocínio e no teste obtiveram resultados praticamente iguais: Marcus, Q. I. — 43 (último teste realizado), Rosa Q. I. — 40 e José Q. I. — 43. Entretanto, em um estudo longitudinal, as diferenças apareceram marcantes. As prováveis causas da debilidade, o desenvolvimento de cada um em seu meio ambiente e as probabilidades de recuperação são distintas entre si. Também a personalidade resultante muito os distingue, fazendo de cada um deles um caso totalmente diferente do outro, exigindo, portanto, diferentes atenções.

Marcus, ao nascer, já apresentava os sinais que o iriam distinguir física e psiquicamente das crianças normais: mongolismo, reações motoras deficientes, desenvolvimento geral retardado. A proteção constante sob todos os aspectos (médico, pedagógico, econômico, afetivo, etc.) teve efeitos positivos em muitos sentidos, negativos em alguns e foi nula em outros. Hoje Marcus é fisicamente saudável, de personalidade extravertida e bem adaptada, mas o mais necessitado de amparo e o que apresenta piores perspectivas de futuro desenvolvimento mental. Segundo as informações, Marcus já não progride no aprendizado, parecendo ter atingido há algum tempo o seu limite máximo nesse sentido. É preguiçoso e manhoso e praticamente incapaz de qualquer movimento fora de casa sem um acompanhante. Neste aspecto talvez pudesse ainda progredir, mas dada a circunstância da proteção afetiva e econômica exercida pelos pais, tende a permanecer assim.

Rosa nasceu aparentemente normal; nenhum sinal físico a distinguia dos demais mas, do segundo ano de vida em diante, começou a ser notado o desenvolvimento vagaroso, a dificuldade para aprender e o “mau gênio”. Segundo as informações, apenas mudando de ambiente e com as atenções especiais dispensadas pela sua avó e pela professora particular, ela mostrou algum progresso. Atualmente, ultrapassadas as suas explosões temperamentais, bastante mais controlada, ainda se mostra geniosa e pouco acessível. Percebe sem dúvida, a sua dificuldade intelectual, tentando encobri-la. Interessa-se por aprender, mas as suas possibilidades nesse sentido são poucas,

dada a sua grande dificuldade de raciocínio, provavelmente devida a uma causa orgânica.

José, ao que tudo indica, não apresentou na infância, nenhum sinal de anormalidade. A primeira queixa nesse sentido, foi a da professora do Grupo Escolar em São Paulo (José com 13 anos e meio, mais ou menos). Infelizmente nada sabemos do seu desenvolvimento anterior a essa data. Não sabemos se José sempre apresentou uma tendência para se deixar dominar por excessivo nervosismo ou se os problemas emocionais que tanto o perturbaram tiveram início após o falecimento da sua tia, por ocasião da sua vinda para São Paulo. Depois de 6 meses de escolaridade especial, José pode ser considerado como totalmente recuperado quanto ao retardamento mental, dado o seu atual nível de raciocínio e capacidade para o aprendizado graças ao relaxamento da forte tensão emocional que o envolvia. Mas, como observamos, não se pode ainda prever se novas situações adversas voltarão a perturbá-lo e até que ponto, embora os efeitos atuais dos cuidados dispensados, tenham sido surpreendentes e favoreçam um prognóstico otimista.

Uma comparação exata das possibilidades de futuro desenvolvimento mental entre Marcus, Rosa e José é impossível, dada a diferença de idade cronológica entre eles (Marcus tem 17 anos, Rosa, 13 e José, 14). Entretanto, as curvas de desenvolvimento mental nos mostram pontos de estabilização variando, segundo os diferentes autores, de 13-14 anos a 19-20 anos, além das possíveis diferenças individuais. Assim, os três estariam em situações semelhantes, nenhum tendo ainda atingido o limite teórico máximo. Cremos, portanto, na validade dos prognósticos em função de seus distintos históricos e características pessoais.

Nos três casos uma constante acompanha o desenvolvimento o estado emocional prejudicando pouco, muito ou totalmente o exercício do raciocínio. Apesar da debilidade mental não incluir necessariamente distúrbios emocionais, estes podem aumentar os seus efeitos ou mesmo produzir uma debilidade mental temporária ou permanente, dependendo da sua

gravidade. E' provável pois que uma terapêutica adequada nesse sentido produza sempre bons resultados, liberando o raciocínio de perturbações de diferentes causas, para que êle possa seguir o seu curso livremente, sem limitações estranhas às suas próprias.

O meio ambiente distinto sob todos os aspectos, teve também diferentes influências. Se no caso de José êle foi decisivo e no de Rosa perturbava-a bastante, no de Marcus, quanto a debilidade mental propriamente dita, a influência não foi marcante. Sem os cuidados especiais, Marcus provavelmente teria tido menor desenvolvimento, mas, mesmo com êles, Marcus progrediu muito pouco.

O meio ambiente favorável nos parece, portanto, necessário, sempre levando a melhores resultados embora a sua ação seja delimitada pela natureza do caso específico. Havendo uma causa orgânica para a debilidade mental, êle ajudará menos ou mais, dependendo das características em questão; não havendo uma causa orgânica, sua influência poderá ser total (como causa e como fator de recuperação).

As particularidades apresentadas por cada débil mental, fazem com que sejam necessárias diferentes técnicas pedagógicas, distintas tanto quanto ao modo como quanto ao conteúdo do ensino. O temperamento e as aptidões de cada um, apesar do nível de raciocínio semelhante, obrigam à individualização de todo o aprendizado.

No mais, acreditamos serem as histórias de vida bastante eloqüentes e sugestivas, tornando supérfluos os ainda possíveis comentários. Pensamos serem por si próprias, as melhores fontes de informações.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Tredgold, R. F. and Sody, K.: **Mental Defficiency**. Baillière, Tindall and Cox. London, 1956.
- 2 — Allport, G. W.: **Personality**. Henry Holt and Company. New York, 1946.
- 3 — Dollard, J.: **Criteria for he life history** New Haven, Yale University Press, 1935.

- 4 — Thomas, W. and Znanieck, F.: **The Polish Peasant in Europe and America**. Richard G. Badger. The Gorham Press. Boston, 1918.
- 5 — Fernandes, Florestan e Gattás, R.: **A história de vida na investigação sociológica**. Revista de Sociologia, vol. XVIII, n.º 2. S. Paulo, 1956.
- 6 — Bastide, R.: **Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida**. Sociologia, vol. XV, n.º 1, São Paulo, 1953.
- 7 — Bellak, L. y Bellak, S. S.: **Test de Apercepcion Infantil (C. A. T.)**. Editorial Paidós. Buenos Aires, 1952.
- 8 — Machover, K.: **Proyeccion de la Personalidad**. Cultural, S. A., La Havana, Cuba, 1949.
- 9 — Inhelder, B.: **Le diagnostic du raisonnement chez les débiles mentaux**. Editions Delachaux & Niestlé, S. A., Paris, 1943.
- 10 — Binet, A. et Simon, T.: **Le development de l'intelligence chez les enfants**. L'Année Psychologique. Masson et Cie. Editeurs. Paris, 1908.

SUMÁRIO

Foi utilizada neste trabalho a técnica de estudo denominada história de vida ou estudo de caso, a qual fornece uma visão longitudinal e ampla do caso em questão. Esta técnica nos pareceu especialmente adequada ao estudo de débeis mentais dada a pluralidade de manifestações incluídas nessa categoria, ou seja, diferentes etiologias, reações pessoais, situações de vida, possíveis prognósticos, etc., havendo portanto necessidade de análise aprofundada de caso por caso.

Selecionamos três sujeitos representativos de grupos distintos de debilidade mental: 1) Um mongolóide, tipo específico de debilidade mental, com características físicas e psicológicas; 2) Um sujeito de aparência física normal, nada apresentando de anormal nos exames médicos, mas portador de severo índice de retardamento mental; 3) Um sujeito de aparência física e exames médicos normais, impossibilitado de bem raciocinar por forte tensão emocional.

O material colhido fornece-nos um panorama das características de cada um, seu desenvolvimento e possibilidades futuras. Fornece-nos ainda a possibilidade de estudo de um trata-

mento especial individual face às reações pessoais, diferentes em cada caso.

SUMMARY

In this investigation we have used the case study method for the analysis of three cases of different types of mental deficiency. As each case has special characteristics — different etiologies, personal reactions, life situations, different prognostics, etc. — this method was specially recommended for its broad and rich approach in individual studies.

We have chosen the following subjects: 1.^o) A case of mongolism, a specific type of mental deficiency well characterized physically and psychologically; 2.^o) A subject with normal physical appearance and normal medical examinations but presenting a severe grade of mental deficiency; 3.^o) A subject with normal physical appearance and normal medical examinations unable to use its intelligence to its full extent because of a strong emotional disturbance.

The observations gathered by this method have given us a wide picture of each subject including its past development and a key to its future possibilities. Based in the same informations we can also think of a special treatment, education and environmental changes for each one.

RESUME'

Dans cette recherche nous avons employé la technique appelée histoire de vie, laquelle nous offre un panorama très large du fait envisagé. Etant donné la grande variété de situations qui en général sont soumises à la catégorie de débilité mentale (différentes étiologies, réactions personnelles, situations de vie, etc.), nous avons senti le besoin d'une analyse approfondie de chaque cas en particulier.

Nous avons choisi trois sujets représentant trois différents groupes de débilité mentale. Le premier était un mongoloïde caractérisé physiquement et psychologiquement, le second qui avait un aspect physique normal et avait réussi tous les exa-

mens médicaux recommandés, présentait néanmoins un index très fort de débilité mentale et le troisième avait aussi une apparence normale et avait réussi les examens médicaux, mais était empêché de raisonner par une tension émotionnelle très forte.

Le matériel recueilli nous offre un cadre des principales caractéristiques de chacun, leur développement et possibilités futures. Il nous livre encore l'occasion d'étudier le traitement qui est convenable dans chaque cas.

APÉNDICE



Fig. 1A

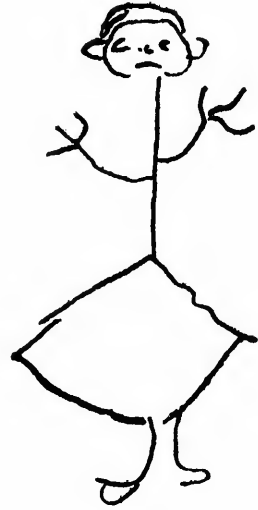


Fig. 1B



Fig. 2A

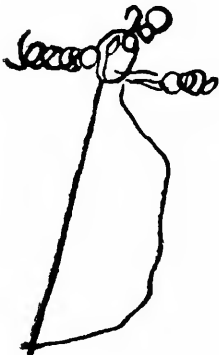


Fig. 2B



Fig. 3A

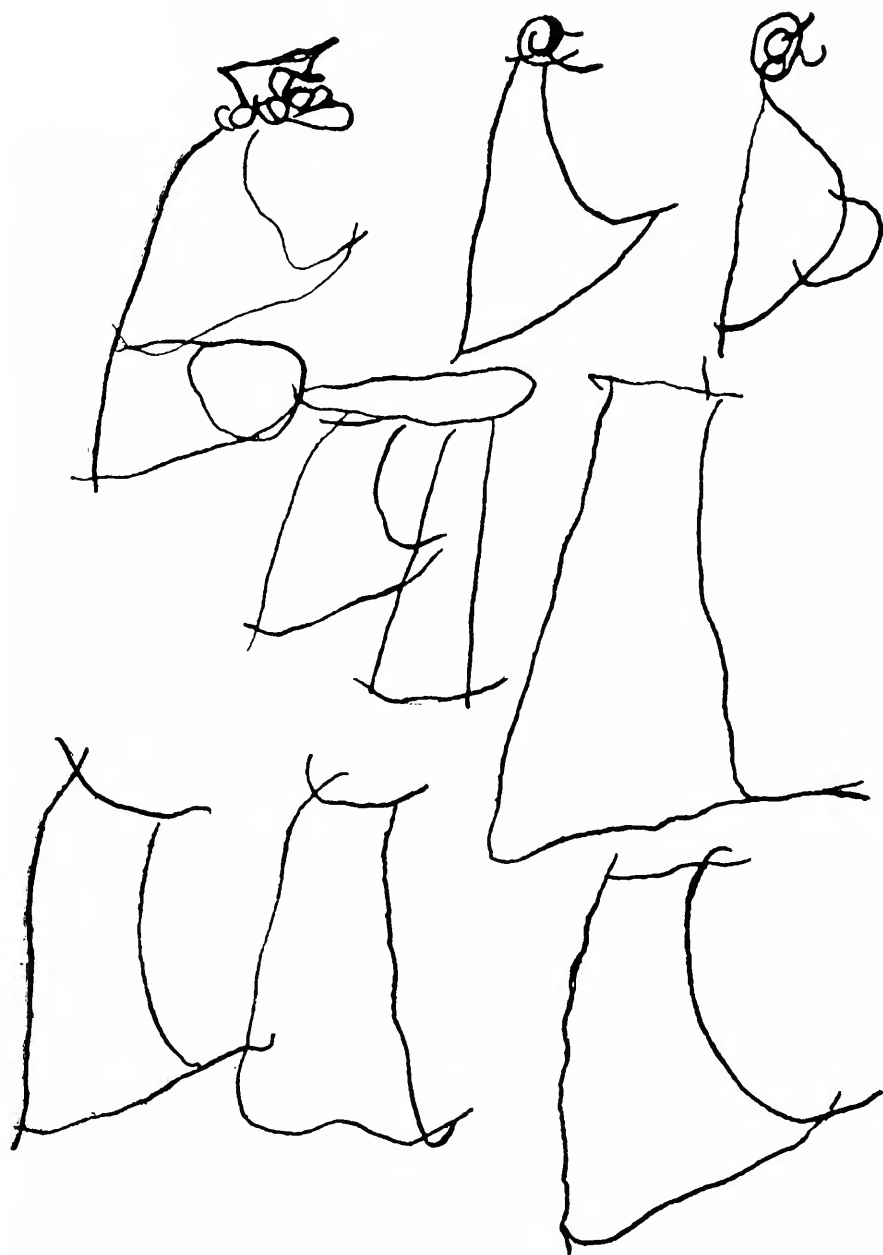


Fig. 2C

BOLETINS PUBLICADOS PELA CADEIRA DE PSICOLOGIA

- N.º 1 — Otto Klineberg, *Introdução à Psicologia Social*, 1946 (esgotado).
- N.º 2 — Annita de Castilho e Marcondes Cabral, *O conflito dos resultados dos Experimentos sobre a Memória das Formas*, 1946.
- N.º 3 — 1) Annita de Castilho e Marcondes Cabral, *A Psicologia no Brasil*;
- 2) Carolina Martuscelli, *Uma pesquisa sobre aceitação de grupos nacionais, "raciais", e regionais, em São Paulo*;
- 3) Maria da Penha Pompeu de Toledo, *Ensaio de elaboração de uma técnica para o estudo psicanalítico quantificado de documentos pessoais e protocolos de testes projetivos*;
- 4) Dante Moreira Leite, *Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros*;
- 5) Dante Moreira Leite, *Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros*, 1950.
- N.º 4 — F. J. Urban, *Métodos Estatísticos em Psicologia*, 1952.
- N.º 5 — Maria da Penha Pompeu de Toledo, *Estudo Psicanalítico Quantificado de Dez Contos Infantis Tradicionais*, 1958.
- N.º 6 — Carolina Martuscelli, *Os Experimentos de Interrupção de Tarefas e a teoria de Motivação de Kurt Lewin*, 1958.
- N.º 7 — Dante Moreira Leite, *Caráter Nacional Brasileiro*, 1959.
- N.º 8 — Maria Margarida M. J. de Carvalho, *Estudos de Psicologia Diferencial*;
- 1) *Noções de Idade Mental e Etapa Mental e suas consequências na avaliação da debilidade mental*;
- 2) *O desenho da figura humana como medida de inteligência e diagnóstico de personalidade em débeis mentais*, 1960.

